

**TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DE JORNALISTAS NO BRASIL (2012 A
2017): um estudo sobre perfis de jornalistas que permanecem na carreira**

Júlia de Oliveira, ANDRADE

(Universidade Estadual de Ponta Grossa/ UEPG)

Felipe Simão, PONTES

(Universidade Estadual de Ponta Grossa/ UEPG)

Alexandre Stori, DOUVAN

(Universidade Estadual de Ponta Grossa/ UEPG)

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado trata da pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros” onde se fornece dados sobre como a categoria absorveu as crises de 2012 a 2017 e como os jornalistas ajustaram suas carreiras no período. A pesquisa apresentada realizou-se em um ano de Iniciação Científica, dentro do Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização”, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e explora dados ainda não estudados sobre as características dos profissionais que permaneceram na carreira no período da investigação e atingiram maturidade profissional (com 35 anos ou mais em 2017). A pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros” é resultado de um *online survey*, promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e pela Universidade Federal de Santa Catarina, realizado de novembro a dezembro de 2017, obtendo respostas de 1233 jornalistas.

Para esta análise teve-se acesso ao banco de dados, com as 1233 respostas, separando somente as respostas dos jornalistas que permaneceram trabalhando na mídia em 2017 com 35 anos ou mais. Após esse saneamento, a fim de coletar as características básicas desses profissionais, foram utilizados os filtros: sexo, raça, estado civil, tipo de vínculo, carga horária, salário, nível de formação, tipo de emprego (repórter, editor, diretor) e planejamento quanto ao futuro. Em seguida os resultados foram coligidos e comparados com outros artigos já produzidos pela equipe de pesquisa e assim foi possível indicar algumas pistas para refletir sobre o perfil dos profissionais respondentes. Contudo, neste resumo apresenta-se somente os filtros mais importantes.

JORNALISTAS QUE PERMANERAM NA CARREIRA DE 2012 A 2017

No decorrer da pesquisa, buscamos compreender em quais realidades viviam os jornalistas entrevistados. Com a realização de análises bibliográficas pudemos

compreender que durante os cinco anos que se passaram, entre 2012 e 2017, muitas mudanças aconteceram no cenário em que os profissionais do jornalismo atuam. Mesmo com a “juvenização” do mercado (TAVARES; PONTES; XAVIER, 2021), uma parte dos profissionais continuaram na mídia e resistiram a essas mudanças.

Do universo de 1233 jornalistas, que foram entrevistados na referida pesquisa, um total de 45,8%, tinham mais de 35 anos em 2017. Destes profissionais, foram selecionados os que mantiveram emprego na mídia jornalística em 2012 e em 2017. Assim, demarca-se que 117 profissionais do banco de dados estavam nesta condição – apenas 9,5% dos 1233 estavam empregados em cargos tradicionalmente relacionados à profissão (jornalistas de mídia) e que conseguiram manter-se nessa situação na maturidade profissional. Vale destacar que 20,7% dos profissionais com mais de 35 anos apresentavam condições mais estáveis de carreira.

Pela análise dos dados, é possível entender variáveis que otimizam a permanência na carreira. O primeiro resultado é de que os homens, proporcionalmente, conseguem mais estabilidade e longevidade, na carreira, que as mulheres. Observou-se que desses 117 jornalistas, 44,4% eram mulheres e 55,6% eram homens. Na amostra geral de 1233 jornalistas, essa proporção é muito diferente: $\frac{2}{3}$ são mulheres. Esse tipo de desigualdade é apontado nos estudos de Pontes e Rocha (2021), dentre outras que atingem a profissão dos jornalistas em toda a análise de trajetórias. Essa informação obtida também dialoga com estudo de Pontes (2017) sobre os dados do perfil das jornalistas brasileiras.

Da análise correspondente, a variável raça/cor, conclui-se que o resultado desse extrato está de acordo com os dados gerais da amostra, já que 71,8% dos respondentes declaram ser brancos; 20,5% pardos e 3,4% pretos. Tais dados, cruzados com o extrato de gênero revelam que dentre as mulheres, 76,9% se declaram brancas, 17,3% pardas e 1,9% preta. Já os homens, 67,7% se declaram brancos, 23,1% pardos e 4,6% pretos.

Ao observar a variável estado civil, algumas considerações podem ser estudadas. Uma delas é a de que o casamento não combina com a permanência na profissão. No geral, 61,5% dos 117 jornalistas eram casados ou estavam em união estável em 2017. Por sua vez, 32,5% eram solteiros e 5,2% separados/divorciados. Já Pontes e Rocha (2021) apontam que as mulheres da amostra que casaram entre 2012 e 2017 foram as que, proporcionalmente, mais saíram da mídia e da profissão, incluindo assessoras e professoras. Com a pesquisa podemos oferecer mais dados que corroboram com o achado dos autores, porque 46,2% das mulheres eram solteiras e 48,1% eram casadas ou tinham

união estável. Assim, para os homens a permanência na carreira tem mais harmonia com o casamento, do que para as mulheres.

Considerando o vínculo empregatício dos homens e mulheres entrevistados, vemos que 69,2% tinham algum tipo de vínculo de trabalho (cargo em comissão, servidor público ou carteira assinada). O restante (27,4%) estava em contrato, consideravelmente, precário (freelancer, contrato de prestação de serviço, pessoa jurídica e empresário). Mais uma vez vemos que a situação dos homens é mais estável, pois 73,8% dos homens tinham vínculo e apenas 63,4% das mulheres tinham vínculo empregatício.

Analisando a partir das horas trabalhadas se verifica que apenas 7,7% trabalhava até 5 horas por dia – o que orienta a legislação sobre a prática profissional de jornalista, 52,9% dos profissionais trabalhavam de 6 a 8 horas e acima das 8 horas diárias 39,2% profissionais.

Para finalizar, a pesquisa oferece dados sobre a perspectivas para o futuro desses 117 jornalistas, como disposto no quadro abaixo.

Quadro 1: Perspectivas para o futuro de jornalistas empregados com mais de 35 anos

Perspectivas para o futuro	Número	Proporção
Aposentadoria	6	5,1%
Avançar na carreira, mudar de função	11	9,4%
Avançar na carreira, permanecer na função.	29	24,7%
Mudar de Profissão	16	16,2%
Sair do emprego e ingressar no serviço público	9	7,7%
Sair do emprego e atuar como professor	4	3,4%
Sair do emprego e atuar em outra empresa de jornal privado	13	11,1%
Sair e fazer trabalho social ou filantrópico	2	1,7%
Outro	21	17,9%

Nota-se uma variedade nas respostas, mas a maioria quer manter o vínculo atual ou se aposentar. Os que pretendem mudar de contratante são apenas 18,8%, continuando em trabalho na mídia. Aqueles que realmente querem mudar de profissão são 16,3%.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se com os dados aqui apresentados que a maior parte dos profissionais é homem. O fator raça/cor não é determinante diante do quadro geral da profissão (dentro do período de análise, esse era, majoritariamente, branco). Grande número de profissionais do grupo analisado está casado ou em união estável, mas essa é a realidade efetiva dos homens da amostra.

Estamos diante de um grupo que mais de 30% mantém um vínculo de trabalho precário. O número de profissionais que querem se manter na profissão é considerável e, nesse grupo, os que querem manter o vínculo com o mesmo contratante. É importante ressaltar que sentimos a necessidade de continuar o estudo sobre esse recorte, com mais extratos a serem analisados.

REFERÊNCIAS

- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do Jornalista Brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013
- PONTES, Felipe Simão. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-Compós**, São Paulo, v. 20, p. 1-15, jan-abr 2017. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/1310/925>>.
- PONTES, Felipe S; ROCHA, Paula M. **A feminização e assimetrias de gênero no jornalismo**: um estudo longitudinal de trajetórias profissionais brasileiras em contexto de crises. Artigo pronto para submissão. Ponta Grossa, 2021.
- TAVARES, Camilla Quesada; XAVIER, Cintia; PONTES, Felipe Simão. Os jornalistas brasileiros em contextos de crises: uma análise das trajetórias profissionais de 2012 a 2017. **E-Compós**, São Paulo, v. 24, p.1-24, jan-dez, publicação contínua, 2021. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2040>>.